

Remetente: C. D. A.¹

Claudia Poncioni

Às vezes o senhor me chamava para seu secretário, e isso me enchia de orgulho. Eu pequeno, o senhor tão grande – maior que um homem comum aos olhos de qualquer menino. [...] Então, com a pena mallat arranhando o papel, escrevendo a carta que o senhor ditava, ou redigindo-a na trilha das recomendações, eu crescia por dentro, via-me necessário participante. [...] Agora, como então, estou escrevendo carta; é para o senhor mesmo, a pedido de ninguém; eu me pedi. [...] Não tenho nada de urgente ou especial para lhe contar. [...] É que muitas cartas, das mais importantes, se escrevem sem motivo ou interesse imediato, e são postas num correio absurdo, que as entrega à sua maneira e assim são respondidas e estabelece a correspondência infinita. Mas reparo que escrevi demais. O senhor recomendava ao menino: o essencial em duas palavras. Não aprendi a lição. Desculpe, e me deixe pôr a mão em seu ombro, carinhosamente.²

Durante toda a vida, quer por meio do que ditava o pai, quer por meio da inspiração do momento, da necessidade de uma resposta mecânica ou por simples prazer, sem razão ou interesse particular, Carlos Drummond de Andrade escreveu cartas cotidianamente: forma ou objeto poético,³ como suporte de

¹ O texto foi originalmente produzido em francês. A tradução foi feita pela autora, em parceria com Clarissa Marini.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens do homem: carta. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1964. Retomada na coletânea *Cadeira de balanço* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1966), com o título: “A um senhor”.

³ Em três de suas antologias, dentre as mais importantes, títulos de poemas remetem a “carta”: “Carta a Estalingrado”, de *A rosa do povo* (1945), e dois poemas intitulosados “Carta”, o primeiro de *Claro enigma* (1951) e o segundo de *Lição de coisas* (1962). Se a primeira dessas “cartas” se parece mais com uma carta aberta, em que ele canta a resistência heroica de Estalingrado contra os alemães, as duas outras são diretamente inspiradas na sua relação com a forma epistolar. A “Carta” de *Claro Enigma* faz parte de um conjunto de poemas, “Lábios cerrados”, dedicados aos seus mortos, e Drummond expõe aí alguns princípios do gênero. “Carta”: “Bem quisera escrevê-la / com palavras sabidas / as mesmas, triviais / embora estre-

reflexões estéticas ou de comércio intelectual, como escrito de circunstância ou meio privilegiado de animar suas crônicas, as cartas marcaram sua vida.

As trocas epistolares, os correios cruzados animaram e amadureceram a vida intelectual brasileira: escritores experientes e jovens iniciantes, jornalistas e intelectuais, todos, por meio de cartas, informaram-se, conversaram, discutiram, debateram, inflamaram-se e entusiasmaram-se. Assim, prefaciando em 1982 *A lição do amigo*, Drummond destacou a influência das cartas que Mário de Andrade lhe endereçara entre 1924 e 1945:

Elas constituíam o mais constante, generoso e fecundo estímulo à atividade literária, por mim recebido em toda a existência.⁴

Sua correspondência com Mário de Andrade inscreve-se numa longa série, e o seu conjunto, conservado no Arquivo-Museu da Literatura Brasileira da Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB), no Rio de Janeiro, atesta a existência de 1.817 correspondentes, dentre os quais alguns ilustres, como Manuel Bandeira, Ciro dos Anjos, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Ribeiro Couto, Pedro Nava, Emílio Moura, Abgard Renault... Todos eles, ou quase todos, pertencentes ao mundo literário brasileiro do século XX.

Além dessas cartas, cuidadosamente preservadas, numerosas anotações provam que, por sua vez, Drummond, com consciência e diligência, respondia a seus correspondentes; porém, fiel aos conselhos – ou aos anticonselhos – que daria em

mecessem / a um toque de paixão [...]” Além das indicações sobre as qualidades de uma boa carta, Drummond expõe também o poder imenso que ele conferia à carta, instrumento que considera capaz de permitir a comunicação com aqueles que vivem na argila e na sombra. “Perfurando os obscuros / canais de argila e sombra / ela iria contando / que vou bem, e amo sempre e amo cada vez mais [...]” O outro poema, epônimo, publicado em *Lição de coisas*, de 1962, evoca o desaparecimento de sua mãe, Julieta Augusta, falecida em 1948, e expressa o peso dessa ausência: “Há muito tempo, sim, que não te escrevo. / Ficaram velhas todas as notícias. / Eu mesmo, envelheci / [...] / A falta que me fazes não é tanto / à hora de dormir, quando dizias / ‘Deus te abençoe’ e a noite abria em sonho / É quando, ao despertar, revejo a um canto / a noite acumulada de meus dias / e sinto que estou vivo / e que não sonho.”

⁴ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. vii. A correspondência completa entre os dois autores foi publicada no centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade, com o título: *Carlos e Mário, correspondência*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.

1957 a Sérgio Porto, na época um jovem escritor e cronista,⁵ conservava poucas cópias da correspondência ativa:

Não tire cópias de suas cartas pensando no futuro. O fogo, a umidade e as traças podem inutilizar sua cautela. É mais simples confiar na falta de método desses três críticos literários.⁶

Por isso, reunir a correspondência de Drummond é uma tarefa praticamente impossível: preocupado com sua imagem póstuma, desejando preservar sua vida privada, Drummond fez uma triagem cuidadosa das cartas que, a cada semana, entregava a Plínio Doyle, nos famosos Sabadoyles, e que hoje estão na FCRB. Delas emergem tanto questões estéticas quanto relativas à compreensão do processo de criação literária, à explicação de tomadas de posição controversas, ou ainda ao dia a dia do poeta-cronista.

A correspondência de cunho pessoal, como as duzentas cartas enviadas entre 1925 e 1948 à sua mãe, Julieta Augusta, ou como a longa correspondência que manteve com a filha, Maria Julieta, durante os trinta anos em que ela viveu em Buenos Aires, permanece inédita até hoje.

Pobre, portanto, de cartas privadas, o acervo de Drummond dispõe, entretanto, de numerosas missivas que permitem retrair sua dupla carreira de homem de letras e de funcionário do Ministério da Educação.

Como tantos outros intelectuais brasileiros, Drummond tornou-se funcionário público para assegurar a satisfação de suas necessidades materiais, o que é tema da crônica “A rotina e a quimera”, publicada no *Correio da Manhã* em 6 de maio de 1948.⁷ Nela, ele arrola a longa lista de escritores – Gonçalves Dias, Manuel Antônio de Almeida, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia e, evidente-

⁵ Sérgio Porto assinava “Stanislaw Ponte Preta” ou “Primo Altamirando”, dentre outras assinaturas (como “tia Zulmira”).

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens maduras: a um jovem*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1960. Crônica publicada pela primeira vez no *Diário de Minas*, Belo Horizonte, em 7 set. 1957, com o título de “Anticonselhos de Drummond a um jovem escritor”.

⁷ Tema que retoma em seguida, como na rubrica “Imagens”, com o título “Imagens do dia: funcionário escritor”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1954.

mente, Machado de Assis, dentre tantos outros – que deveram o seu sustento ao serviço do Estado, redigindo também requerimentos e solicitações...

Drummond, muito requisitado, mostrava-se, na maioria das vezes, solidário. Foi graças a ele, por exemplo, que João Cabral de Melo Neto pôde encontrar um emprego no Rio, a fim de tratar suas lendárias dores de cabeça:

Escrevo-lhe sobre um assunto de que sempre esperei não ter suficiente coragem para lhe falar [...] acho que o meu caso V. já conhece. Trata-se de minha ida para o Rio. [...] Os médicos chegaram à conclusão de que somente no Rio ou em São Paulo eu poderia curar-me. [...] Creio que uma colocação no Rio, mesmo provisória, me permitiria fazer qualquer tratamento, principalmente porque me sinto em condições de assumir qualquer serviço.⁸

Se a administração pública, mesmo pagando pouco, aliviava um pouco a penúria de depender do mercado editorial brasileiro e compensava em parte os pagamentos irregulares de direitos autorais, o jornalismo desempenhava o mesmo papel. Desde José de Alencar, Machado de Assis e Olavo Bilac, todos três igualmente funcionários públicos, a crônica foi um meio cômodo e relativamente rentável para um escritor não apenas assegurar a si uma renda complementar, mas também intervir na opinião pública. Drummond não se privou dessa oportunidade durante os 62 anos em que atuou como cronista.

Ora, as relações entre um cronista e o seu leitor são constituídas essencialmente pelo que Drummond chamava de *monodialogo*: dos dois interlocutores, apenas um maneja a pena, responde, replica, retruca e repercute. Às vezes, contudo, o cronista inventa um correspondente, como veremos a seguir, e os arquivos revelam, ainda, cartas de leitores – cordiais, vingativas, denunciadoras ou laudatórias –, que muitas vezes acabavam por alimentar as crônicas...

Sempre procurei variar de temas, no exercício da crônica. Daí o texto em verso, o texto-estória, o texto político, literário, satírico etc. Às vezes,

⁸ MELO NETO, João Cabral de. [Carta a Carlos Drummond de Andrade]. Olinda, 22 set. 1942. Manuscrito. Acervo do AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa.

pequenos contos; outras, uma espécie de pílulas ou pipocas; outras, enredo seriado, cartas etc. Há ocasiões em que a matéria daria um conto desenvolvido, mas já não me animo a fazê-lo, preferindo o tamanho medido do cronista. Usei texto das *Confissões de Minas* em edição nova dos *Contos de Aprendiz*, para reforçar o volume, porém deixei de reeditar em volume isolado as *Confissões*. Entendo que a crônica admite tudo, “*hors le genre ennuyeux*”.⁹

Esse caráter híbrido da crônica deve-se essencialmente ao fato de que, podendo falar de tudo, todas as formas lhe são permitidas – assim, à riqueza temática corresponde uma inteira liberdade formal. Liberdade limitada, é bem verdade, pelo espaço físico que a crônica ocupa na página do jornal.

Drummond admitiu três épocas fortes na sua carreira de cronista: no *Diário de Minas*, em Belo Horizonte, entre 1930 e 1934; no *Correio da Manhã*, entre 1954 e 1969 e, enfim, no *Jornal do Brasil*, entre 1969 e 1984, último ano de sua atividade de cronista. No *Correio da Manhã*, entre 1954 e 1969, período que corresponde à época de ouro da crônica no Brasil, Drummond publicou 2.432 crônicas (das quais somente 278 foram reunidas em coletâneas).¹⁰ Dentre elas há numerosas crônicas epistolares, que podem ser classificadas em quatro categorias principais: as cartas a amigos desaparecidos, as “cartas a uma jovem senhora”, as “cartas abertas” e “as cartas ao compadre”.

Examinaremos rapidamente as três primeiras categorias, para nos determos mais detalhadamente nas “cartas ao compadre”.

As cartas aos amigos desaparecidos fazem parte das numerosas crônicas laudatórias, por meio das quais Drummond prestava homenagem a personalidades que o tinham marcado ou de quem era próximo:

⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista concedida a Rita de Cássia Barbosa. In: BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras*. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. p. 422. Traduzindo a expressão em francês: “fora do gênero maçante”.

¹⁰ Este número corresponde às crônicas publicadas nas coletâneas *Fala, amendoeira*, 1957 (61), *Cadeira de balanço*, 1966 (84), e *Caminhos de João Brandão*, 1970 (78).

Amiga,

Era manhã cedo quando perguntei por ti; uma voz desconhecida respondeu que pela madrugada, silenciosamente, te haviam levado.

Assim se perfazem as coisas, na noite; uma viagem, um silêncio no coração de outro silêncio. [...] Agora sei que o teu nome era Busca e Passagem; há criaturas nascidas para buscar e passar, encerrando uma promessa contínua, rosa aberta no nada.¹¹

Muitas vezes o nome do destinatário não era mencionado, embora possamos supor que ele fosse transparente para o leitor da época. Outras vezes esse nome era mencionado claramente, como na crônica endereçada a seu amigo Mário Casasanta, que acabara de falecer:

Mário Casasanta,

Pela primeira vez te vejo imóvel. Teus livros, e são milhares, espiam da estante e aguardam inutilmente o gesto de consulta. [...] Já não transitam pelo correio aquelas cartas de letra miudinha, impossíveis de ler, gratas de ler, pois derramavas nelas uma intacta ternura, e era para louvar e estimular o amigo, e não para mortificá-lo, que as escrevias. [...] Do fundo da juventude lembranças emergem: gosto comum da literatura, a surpresa de descobrir um espírito tão bem equipado [...] o interesse do companheiro que foi buscar o outro em casa para dar-lhe trabalho a seu lado [...]¹²

A segunda categoria é das crônicas epistolares endereçadas a uma jovem amiga ou a uma jovem senhora – uma jovem que morava longe, sua filha Maria Julieta.

Com que então, minha senhora, está fazendo mais um ano de casada. Não lhe mando flores que a distância não permite. Telefonar custa uma pequena fortuna [...] Não lhe mando telegrama, pois a senhora mesma o dispensou: costuma não chegar, seja porque há crise política por aqui ou crise militar por aí, e vice-versa; ou as duas crises nos dois lugares. [...]

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens de ausência: passagem*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 out. 1959.

¹² _____. *Imagens de ausência: ao amigo*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 abr. 1963.

Por isso, escrevo-lhe. Carta leva quatro dias para chegar. Tanto melhor: quando a receber estará pensando em outra coisa. Se fosse pelo correio, reconheceria logo a letra no envelope. Indo pelo jornal (astúcia minha), lerá desprevenida as primeiras linhas, até descobrir: “*É comigo*”.¹³

A relação, constante, de detalhes ínfimos da vida cotidiana do Rio é para o cronista um meio de abolir a distância física com sua correspondente, de mantê-la a par das pequenas coisas do cotidiano, já que ela acompanha de longe a atualidade brasileira por meio dos jornais:

Não, minha amiga, não falarei dessa lamentável crise política que há por aí [...]. Sei sim que meu quarteirão gostaria de ser visto e pensado pelo governo, mas este anda tão preocupado em salvar o mundo que não lhe sobra tempo nem calma para nos dar um sinal de tráfego aqui na esquina de Raul Pompeia e Joaquim Nabuco.¹⁴

As “cartas abertas” são crônicas endereçadas diretamente às autoridades, com o objetivo de transmitir uma queixa coletiva, denunciar um mau funcionamento, assinalar uma anomalia, um abuso de poder ou simplesmente uma falha do serviço público. O tom não é de ofensa, ou de acusação, contra a ordem estabelecida; é eficientemente satírico.

Sr. delegado de Economia Popular:

Ao abrir a máquina para escrever-lhe, minha intenção era felicitá-lo pela histórica solução de frear a elevação do custo de vida combatendo um dos maiores flagelos que assolam a economia popular – a saber, o preço das ligações nos telefones públicos em casas comerciais. Mas neste momento me informam que V.S. recuou desse alevantado propósito – e aqui estou para felicitá-lo igualmente por esta sábia determinação que atende a ponderáveis circunstâncias sociais e humanas. De qualquer maneira, felicito

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. A uma senhora. In: _____. *Cadeira de balanço*, p. 142.

¹⁴ _____. *Imagens do tempo: ... e retardados. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1961.

V.S. por lutar contra o dragão e por não lutar contra o dragão. Ambas as atitudes são virtuosas e dignas de aplauso. Explico-me [...] ¹⁵

Ou ainda:

Sr. Diretor:

Comunico a V.S. que a partir de amanhã entro em recesso remunerado nesta repartição, a exemplo do que vêm fazendo os ilustríssimos deputados em Brasília. Expeço-lhe esta notificação, a tempo de V.S. dispor sobre as tarefas a mim atribuídas, transferindo-as a outro colega, de modo que não seja afetado o serviço público. ¹⁶

O mesmo tom satírico é usado nas “cartas ao compadre” que veremos a seguir, logo após definir o estatuto do cronista “à moda” de Drummond.

Rio de Janeiro, a cidade, é o espaço da crônica; lá têm lugar os fatos relatados e comentados. O cronista, porém, para relativizar a gravidade de suas representações, muitas vezes recorda-se de outro espaço, o de sua infância no interior de Minas Gerais, em uma cidade menos gigantesca, mais humana, em um mundo de homens sábios, próximos da terra e das tradições, em um espaço rural, que a distância temporal embelezou. Imbuído dos valores que a sociedade moderna perdeu, o cronista situa-se numa posição externa que permite a observação e a favorece:

É cedo para julgar um político, um presidente, um ministro. Nós estamos – ao mesmo tempo – participando da situação e querendo ser juízes. O observador, o participante nunca é o juiz. A gente pode julgar o Marechal Deodoro da Fonseca porque já sabemos no que deu a República com quase cem anos. Então, é uma figura histórica. Mas julgar histórica e moralmente nossos contemporâneos me parece uma das coisas mais difíceis de fazer. ¹⁷

¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens cariocas: o preço da voz. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 maio 1959.

¹⁶ _____. *Imagens nacionais: recesso. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1961.

¹⁷ MORAES NETO, Geneton. *O dossiê Drummond*. São Paulo: Globo, 1994. p. 37.

Para Drummond, esse distanciamento, necessário à observação, não é temporal, já que ele vive em momentos sobre os quais escreve; tampouco é físico, já que vive no Brasil e que escreve sobre a vida brasileira: o distanciamento vem do fato de que ele se sente diferente da sociedade que o rodeia. Para afirmar essa diferença, Drummond introduz em suas crônicas um *alter ego* de origem rural e recorre a técnicas epistolares.

Ao situar-se fora da atualidade, o cronista busca afirmar sua neutralidade com relação aos eventos e aos interesses em jogo. Essa pretensa neutralidade é também a de quem se situa em um nível superior, a do moralista que se autoriza a emitir julgamentos de valor. É nesse sentido que Antonio Candido relaciona Drummond a Montaigne. Porém não era de sua torre, mas sim de seu escritório, que o primeiro – que intitulou seu livro de memórias *O observador no escritório* – comentava, como um moralista, a realidade que compartilhava com seus leitores.

Sente-se no cronista não disfarçada simpatia pelos animais, ao lado de certa reserva moral com relação aos seres humanos, embora ele pertença a esta última espécie. Tem-se a impressão de que, nascido em outro século, se empenharia em ser moralista, no sentido filosófico da palavra. Como, ao que parece, o nosso tempo não comporta este gênero literário, ele se contenta em ser cronista e, assim como quem não quer, solta as suas palavrinhas críticas, sem direção prefixada. [...] ¹⁸

Do mesmo modo, muitas crônicas epistolares lembram em certos aspectos as *Pensées* de Montesquieu, que Drummond conhecia:

Há muito não lhe escrevo, e sinto falta de minhas cartas. São a melhor maneira que encontro para observar os fatos que me vão acontecendo. Se não escrevo, eles passam matreiros e não ponho reparo; as cartas me fazem destacar o acontecimento para ter o gosto de transmitir a você a impressão que ele me deixou. ¹⁹

¹⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. O cronista da ambiguidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 maio 1984. Nesta crônica, uma das suas últimas, Carlos Drummond de Andrade endereça a si mesmo uma longa carta.

¹⁹ _____. Correio de imagens: criança & outros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1966.

Não esqueçamos, contudo, de que a crônica é por essência leve e divertida. Vejamos como Drummond, “cronista da ambiguidade”, autodefinia-se, conciliava moral e humor.

Quando um autor quer denunciar a estupidez, o vício, o absurdo existencial, a sátira impõe-se como um dos recursos estilísticos mais eficazes. É a partir de critérios próprios que o autor formula seus julgamentos, critérios que devem, todavia, permanecer implícitos em seu texto. Para denunciar evidenciando o ridículo, a sátira deve partir de referências morais seguras e manter uma boa distância com relação aos eventos que comenta. Marcar a distância, despertar o prazer da leitura, dialogar com o leitor, fazer seu texto mais pertinente, todas essas são razões que podem explicar a criação do *alter ego* drummondiano João Brandão.

Drummond afirmou que, dentre os personagens que criou, Brandão é o que mais se aproximava dele:

João Brandão nasceu no *Correio da Manhã*, sempre com o caráter de homem comum, se bem que se caracterize por certa excentricidade de espírito. Identifico-me muito com ele, mais do que com qualquer outro personagem imaginário [...].²⁰

Originário, como Drummond, de um pequeno povoado, mas morador da capital, Brandão possuía uma mentalidade muito simples, o que lhe permitia ao mesmo tempo divertir o leitor e chamar sua atenção para os problemas da sociedade brasileira de seu tempo. Drummond colocava-se assim em uma posição externa à sociedade que pretendia criticar, e o *alter ego* estava a serviço desse distanciamento.

Apresentado como um homem simples, de uma lógica objetivamente implacável, resultante apenas de sua boa-fé, Brandão desmascarava as manobras mal-intencionadas, incorretas ou injustas, de instituições, indivíduos, administrações etc. João Brandão conservou a inocência e a ingenuidade dos habitantes das pequenas vilas do interior do Brasil. Além disso, quando descobriu o valor irrisório da multa que a companhia telefônica do Rio deveria pagar, ele dispôs-se a pagá-la em seu lugar, buscando preservar a possibilidade de conseguir um dia a

²⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista concedida a Rita de Cássia Barbosa. In: BARBOSA, Rita de Cássia. *O cotidiano e as máscaras*, p. 419.

instalação de uma linha telefônica em sua casa, o que evidentemente os funcionários da companhia não compreendem:

E não houve jeito de persuadir o chefe de que João Brandão queria apenas livrar de um aperto a companhia – uma companhia tão apertada que, em sinal de castigo pelos vinte mil telefones que prometeu e não instalou, a autoridade não se anima a cobrar-lhe mais que o valor de 600 xícaras de café no aeroporto do Galeão.²¹

A coletânea de crônicas *Caminhos de João Brandão* é assim apresentada por Drummond:

[...] meu amigo João Brandão
vive sua vida entre a rotina palpável
e a aventura imaginária,
e eu vou cronicando seu viver
com a simpatia cúmplice que me inspiram
o ser comum e sua pinta de loucura
mansa,
pois na terra alucinada que nos tocou,
ainda é virtude (até quando?)
cumprir sem violência
o mandamento de existir.²²

Destarte, Brandão é um homem comum, certamente um pouco “louco”, com *sua pinta de loucura mansa*. Mas, na verdade, é a realidade que é louca, *terra alucinada que nos tocou*, que sai do lógico, do aceitável. Assim, a ficção que, às vezes, invade a crônica é uma resposta do cronista a uma realidade que o ultrapassa e que às vezes ultrapassa a ficção.

As “cartas ao compadre” inscrevem-se nessa abordagem. Brandão, originário de Minas Gerais e imbuído dos valores rurais, morava no Rio de Janeiro,

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagens cariocas: o telefone. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1954.

²² _____. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 5.

vivendo assim em um meio urbano, enquanto o compadre, ao contrário, não deixara seu território e vivia resguardado da agitação carioca. “Compadre: a paz esteja contigo, com teu povo, teus bichos e tuas plantas.”²³

Se Drummond pode se comunicar diretamente com Brandão, com o compadre foi preciso apelar para a correspondência. C. D. A. enviou-lhe notícias por meio de cartas que deram ocasião para que o cronista criticasse a sociedade brasileira moderna e urbana.

É dessa *terra alucinada que nos tocou*, que, às vezes acompanhado por João Brandão, Drummond vai escrever ao compadre que ficou no interior cartas em que descreve a vida urbana no Rio dos anos 1950 e 1960. Na primeira crônica epistolar, C. D. A., à moda de Montesquieu, conta ao compadre um mundo do avesso:

Notícias do Rio, compadre? Tenho andado com o nosso João Brandão a percorrer a cidade para assuntar. Sentimo-nos como aqueles persas do Montesquieu que foram conhecer Paris e observar-lhe os costumes. O Rio está cheio de espírito de Natal [...] As ruas e os corações são só Natal, e as próprias árvores se natalizam. À noite, eu e o João pensamos que elas pegavam fogo: eram rubras, amarelas, crepitantes. Mas o povo ia e vinha pelas calçadas, sem se fixar, donde concluímos que aqueles clarões provinham de lâmpadas elétricas insinuadas entre os ramos e anunciavam o Natal. As pobrezinhas talvez padecessem calor; havia de ser o calor da fraternidade universal. [...] Passamos por um armazém, onde uma faixa estendida de lado a lado nos saudava: “*You are welcome* – Seja bem-vindo – *Sia benvenuto*”. Olhei para João e decidimos participar das alegrias daquela boa casa, mas os donos e empregados nos receberam, com ar de pressa, explicando-nos que não havia propriamente festim ou ceia, e tínhamos de passar pela caixa [...] Até breve, compadre.

C. D. A.²⁴

Trata-se, como podemos constatar, de uma sátira da contaminação da festa cristã pela sociedade de consumo. Aqui, a forma epistolar inspira-se claramente

²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Nossa imagem: mais guerrilhas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1967.

²⁴ _____. Imagens cariocas: dezembro. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1956.

nas *Cartas persas*, mas sob forma de paródia. C. D. A. oferece aos leitores um olhar tão estrangeiro quanto o que os persas de Montesquieu tinham em relação a Paris e aos parisienses. Evidentemente, a cumplicidade do leitor é a condição *sine qua non*. Nessa crônica, é a atitude simplória do signatário e de João Brandão e a relação deles com os valores cristãos (Natal = fraternidade humana) que são salientadas, em oposição à utilização da festa para fins comerciais. A sociedade é assim examinada de fora e como se a víssemos pela primeira vez.

Na cidade grande, os sentidos já não bastam, como no interior, para dar conta da realidade. A percepção visual, apreensão daquilo que temos diante dos olhos, considerado como dado imediato, serve de metáfora para o conhecimento intelectual, mas não basta para saber, já que o mundo perdeu suas referências lógicas. A natureza, referência tradicional do homem, é desnaturalizada, as árvores são rodeadas de lâmpadas coloridas – *as pobrezinhas talvez padecessem calor*. Quando a visão opera fora do sentido, o humor se liberta do contrassenso e revela a gratuidade, a mecanização, o artificial, o bizarro das situações, em oposição a uma “lógica natural e inata”; o absurdo se destaca.

Por outro lado, em suas crônicas epistolares, C.D.A. procura – na tradição dos romances epistolares – suprimir a mediação de um narrador, a fim de atingir mais diretamente o leitor. As cartas ao compadre (que se desenrolam entre 1956 e 1969) são um artifício para romper com a monotonia e captar a atenção do leitor, divertindo-o, embora reservando sempre ao cronista seu papel de observador e de guardião de certa moral.

O artifício é duplo, pois a forma epistolar confere à crônica um selo de autenticidade e de documento privado que torna as situações verossímeis, acentuando assim o contraste com as situações inverossímeis que o remetente apresenta ao destinatário. Porém – fato essencial ao jogo – essas situações são o cotidiano que o signatário compartilha com o leitor das crônicas. Este lê uma carta que não lhe é endereçada; e não poderia ser, pois o jogo consiste em fazer um destinatário exterior compreender as situações de um mundo desprovido de toda lógica.

Compadre:

Pode vir sim, para o Carnaval. É falsa a notícia de que ele acabou em 2 de março. As escolas de samba, em pleno funcionamento, continuam desfilando à noite, para festejar a vitória ou para protestar contra a injus-

tiça da colocação. [...] pensa-se seriamente em instituir, na Universidade do Brasil, o curso de formação de juiz-de-escola-de-samba [...] Há outros assuntos em pauta [...] no tocante ao Vietnã, compadre, especula-se qual deverá ser a contribuição do Brasil numa guerra que não é nossa, na hipótese de os Estados Unidos nos pedirem uma demão para liquidar o problema lá deles. Uns acham que devemos mandar paraquedistas; outros entendem que é melhor mandar fuzileiros. Não fui consultado pelo EMFA,²⁵ mas, se o for, recomendarei que se mande os Acadêmicos do Salgueiro, para dar um show àquela gente, harmonizando os do Norte e os do Sul à base de samba.

Ciao.²⁶

A situação insólita que o cronista compartilha com o leitor é a da participação brasileira junto às forças da OEA (Organização dos Estados Americanos) que em 1965 invadiram a República Dominicana, para depor um regime democraticamente eleito, mas que os norte-americanos julgavam contrário aos seus interesses. Não esqueçamos que em 1965 o Brasil vivia sob regime ditatorial, e o absurdo da intervenção militar brasileira era tal que C. D. A. temia uma espiral intervencionista que pudesse chegar a levar tropas brasileiras ao Vietnã.

O espetáculo de um mundo ao avesso, que descreve para seu compadre, reveste-se de um aspecto tão carnavalesco, que o envio dos Acadêmicos do Salgueiro ao Vietnã não é mais absurdo que a possibilidade do envio de tropas brasileiras para lá. O cômico, aqui, é subversivo, e o tom é ao mesmo tempo alegre e corrosivo, oriundo da tradição farsesca do Carnaval.

Úteis e fúteis, como pretendia Machado de Assis que fossem as suas próprias crônicas, as de Drummond, e entre elas especialmente as crônicas epistolares, provocam a reflexão, mas é preciso que o leitor mantenha o sorriso. Nesse sentido, a crítica ao aumento das tarifas postais, sob forma de epígrafe, é ainda mais eficaz:

Atendendo, compadre, a seu apelo / envio-lhe esta carta, mas sem selo /
(que a tarifa postal subiu à lua / e a controle nenhum cede nem recua /

²⁵ Estado Maior das Forças Armadas.

²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Imagens do dia: notícias cariocas. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1965.

[...] Mas compadre, voltando ao terra a terra, se minha matemática não erra, / evite, enquanto é tempo, abrir falência / evitando qualquer correspondência (Já pensou em Madame Sévigné / No Brasil, reduzida ao miserê?)²⁷

* * *

O objetivo deste trabalho não foi, certamente, o de fazer um estudo exaustivo das relações de Drummond com o gênero epistolar. Tratou-se, antes de tudo, em ressaltar a importância que ele dava às missivas em sua vida e em sua obra, principalmente em sua obra como cronista, na qual pudemos encontrar alguns exemplos que testemunham a vigência e a diversidade do gênero.

As crônicas epistolares de C. D. A. são, igualmente, uma garantia da filiação, do parentesco – certamente distante, mas real – entre suas crônicas e as epístolas dos grandes moralistas.

Drummond inscreve-se, assim, nessa antiga tradição, conservando, no entanto, sua originalidade. O humor e a ironia de Drummond dão às suas crônicas epistolares um tom particular de falsa ingenuidade e de bom senso *naïf*, a serviço da crítica dos valores do tempo, exercício que realiza com a cumplicidade do leitor e para nosso grande deleite.

²⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Imagens soltas: a semana. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1961.